

4CEDFEPLIC06

INTERVINDO NA RELAÇÃO ESCOLA E DROGAS

Gerlane Barbosa da Silva⁽¹⁾, Ana Martins Tomaz⁽²⁾, Camila de Oliveira Bandeira⁽²⁾, Dávila Cristina da Silva Nepomucena⁽²⁾, Fabíola Barrocas Tavares⁽³⁾
Centro de Educação/Departamento de Fundamentação de Educação/PROLICEN

RESUMO

A escola vem ampliando seu papel enquanto mecanismo de inclusão social, já que promove desde a infância a inserção dos indivíduos em grupos, isso pode ser constatado tanto no aumento nos anos de escolaridade da população, quanto no número de horas dos cursos, o que promove um convívio mais prolongado entre os indivíduos dentro do espaço escolar. O âmbito educativo, como muitos já destacaram, é bastante complexo. Uma questão que vem assumindo grande importância na dinâmica escolar refere-se aos problemas das drogas, a escola tem sido apontada como local de primeiro contato com substâncias psicoativas. Esse estudo busca focar a questão das drogas no ambiente escolar, apontar a importância de uma mudança de atitude das pessoas que estão envolvidas com a escola, construir com professores, alunos e familiares novas estratégias para o enfrentamento desse problema. Utilizamos as práticas da pesquisa participante, onde trabalhamos principalmente com os alunos de uma escola pública de João Pessoa, abordando a problemática através de filmes, músicas, textos e debates. Percebemos que a escola não está preparada para enfrentar o problema das drogas, os professores decidem pelo não envolvimento com a questão e os alunos necessitam de esclarecimentos que não se limitem aos oferecidos pela mídia.

Palavras-chave: Escola. Drogas. Prevenção.

INTRODUÇÃO

A relação entre juventude e drogas se entrelaça de tal modo em nossos dias que se torna quase impossível não pensar sobre esta problemática, que está presente cotidianamente em distintos espaços, que vai desde o familiar, passando pelas ruas e bairros, cidades e campos, atingindo de forma marcante o ambiente escolar e clínico, sem esquecer o espaço da mídia, chegando até as dependências de delegacias, presídios e casas correccionais. A sociedade brasileira possui, assim, um enorme problema social, que de modo indistinto atinge a todos, ricos e pobres, habitantes da zona rural ou urbana, homens e mulheres e em especial a juventude. Na tentativa de enfrentar o grave problema gerado pelo consumo de drogas lícitas ou ilícitas, muitas instituições buscam promover ações, que basicamente atuam de maneiras ambíguas. Uma forma diz respeito à prevenção, esclarecendo jovens dos perigos de consumir tais substâncias, outra refere-se ao tratamento, que busca resgatar a saúde dos que se tornaram viciados. Segundo os especialistas, a prevenção é a melhor forma de lidar com essa questão, assim, a escola vem sendo apontada como local primordial para o início dessas atividades.

O âmbito educativo, como muitos já destacaram, é bastante complexo, envolvendo fatores psíquicos, biológicos, sociais, culturais, políticos, ideológicos, trabalhistas, epistemológicos e econômicos. Esta gama de fatores envolve o processo de ensino-aprendizagem, sendo sempre desafiadores para os professores.

⁽¹⁾ Bolsista, ⁽²⁾ Voluntário/colaborador, ⁽³⁾ Orientador/Coordenador ⁽⁴⁾ Prof. colaborador, ⁽⁵⁾ Técnico colaborador

A escola vem ampliando seu papel enquanto mecanismo de inclusão social, já que promove desde a infância a inserção dos indivíduos em grupos. Ela vem ocupando cada vez mais o tempo de vida das crianças, jovens e agora também dos adultos, pois a educação permanente e a qualificação continuada, exigida pelos processos de automação tecnológica, vêm fazendo com que os adultos, da mesma forma que as crianças e jovens, estejam sendo incluídos no âmbito educacional. A escola vem sendo reforçada em seu papel socializador, constatado, com o aumento nos anos de escolaridade da população, observado no aumento da carga horária dos cursos, bem como nos anos de duração desses, o que promove um convívio mais prolongado entre os indivíduos dentro do espaço prioritariamente dedicado à difusão dos saberes, enfatizando entre eles o saber científico.

Os modelos de convivência adotados pelas redes de ensino promovem relações de competitividade, submissão, disciplinamento e massificação dos comportamentos, onde se nega a individualidade e se incentiva a passividade. Todavia, relações de solidariedade, afetividade e amizade são construídas no ambiente escolar, principalmente entre colegas em suas turmas, mas também ocorre entre docentes e discentes.

Cabe à escola agora, segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) N°. 9.394/96, também manter com a comunidade em que se situa um relacionamento de colaboração, em que pais ou qualquer pessoa do local se envolvam e participem das atividades promovidas pela escola, em prol de bom aprendizado dos alunos.

Percebe-se então que a escola vem assumindo, além da tradicional função de instrução, um papel de relevo como agente socializador dos indivíduos, tornando-se importante meio não só na formação pessoal e profissional, mas também na construção das relações sociais, que cada pessoa estabelece, suplantando o papel da família.

A questão das drogas vem assumindo grande importância na dinâmica escolar, a drogadição invadiu o espaço educativo de forma tão contundente que vem assustando os profissionais da educação, pois esses se vêem despreparados para atuar diante desta realidade. A escola tem sido apontada como local de primeiro contato com as drogas, o que tem ocorrido em torno dos onze anos, na maioria das vezes através dos próprios colegas. Essa experiência ocorre em uma fase da vida permeada de questionamentos, inquietações e insegurança, pois entre a puberdade e a adolescência o ser humano vive um momento de crise, quebra na relação familiar, de auto-afirmação entre outros jovens, o que favorece o uso de substâncias psicoativas, por trazer segurança, coragem e tranquilidade. Essa situação, todavia, pode ser uma porta para o vício, que em muitos casos promove sofrimento, angústia, loucura e morte.

A escola, ao constatar alunos fazendo uso de drogas, comunica aos familiares e os incubem do cuidado com esse membro, o que significa muitas vezes o afastamento desses alunos das salas de aula e em muitas ocasiões o fim da vida escolar. A escola, na maioria das vezes, encerra nesse ato sua ação a respeito das drogas, sendo repassada toda a responsabilidade para a família. Tal situação, contudo, retira do setor educacional suas

obrigações com relação a esse problema, tendo em vista ser esse um dos espaços apontados como de iniciação ao uso de entorpecentes, bem como, ser a escola a principal instituição responsável pela formação das pessoas para inserção no meio social.

Ao focar a questão das drogas no ambiente escolar, na comunidade da Escola Municipal João Monteiro da Franca, apontamos a importância de uma mudança de atitude dos profissionais da escola, onde se buscou construir com professores, alunos e familiares novas estratégias para o enfrentamento desse problema, devido às dificuldades que a escola enfrenta em trabalhar essa questão.

DROGAS NA ESCOLA: A NECESSIDADE DE UMA ATUAÇÃO EFETIVA E SIGNIFICANTE

Problemas relacionados ao uso de álcool, tabaco e outras substâncias que causam dependência são percebidos na escola com frequência, todavia, a percepção desse consumo como um problema relevante só ocorreu a partir da década de 80, quando se passou a realizar levantamentos nacionais sobre o uso de substâncias psicoativas nas escolas das redes estaduais de ensino (BASSOL, 2003).

A associação que fazemos frequentemente entre drogas e seu consumo relaciona-se à produtos comercialmente ilícitos, porém, “tabaco, álcool e medicamentos, figuram entre as drogas mais consumidas apontadas pelos estudantes entrevistados” (SOIBELMAN, 2003, p.25), todavia, essas substâncias não são socialmente reconhecidas como drogas, o que dificulta ainda mais a compreensão do problema de dependência química e sua abrangência. Em nossa sociedade a dependência química apresenta-se apenas como problema orgânico, pois, para a população de modo geral o vício se constitui como fraqueza individual, devendo ser tratada como doença, o que elimina causas relacionadas aos fatores sociais, psicológicos e culturais.

Nos dados coletados nas pesquisas sobre o uso de drogas, apontou-se que o primeiro contato ocorre na maioria das vezes nas escolas, por volta dos “onze anos, destacando-se como um dos fatores a influenciar o consumo, a falta de informação sobre o efeito das drogas” (SOIBELMAN, 2003, p.29). Esta constatação leva para dentro da escola a responsabilidade de abordar o assunto nas salas de aula, já desde a infância, pois todo o público escolar está de algum modo em contato com essa situação, devendo-se quebrar as divisões entre faixas etárias, criadas para agrupar o alunado. Isso vem ocorrendo por que os professores se vêm despreparados para tratar do tema, já que não tiveram em sua formação estudos pertinentes a esta problemática. Essa lacuna reforça a conduta de encaminhamento do aluno à família para um tratamento médico, pondo um ponto final na questão para as escolas, sem qualquer envolvimento maior. Da mesma forma a família, sem saber lidar com a questão, busca o tratamento psiquiátrico, como modo para a cura de seu membro, que inclui como terapia o isolamento da sociedade em hospícios. Essa atitude de desinformação tem apresentado resultados desanimadores, pois as instituições manicomiais vêm registrando um “aumento crescente de pacientes com diagnóstico de distúrbios psíquico causado pela dependência

química, bem como, houve um incremento significativo do número de suicídios entre jovens nas três últimas décadas associado ao consumo de drogas” (PILTCHER, 2003, p.47).

A escola precisa mudar de postura quanto às drogas, abandonando o preconceito e a percepção curativista, passando a adotar uma atitude realista e de prevenção, assumindo o problema como também seu, contribuindo, assim, para o enfrentamento e, quem sabe, a redução do uso de substâncias que causam vício e, por conseguinte mitigar problemas psicológicos e sociais. Para tanto, o espaço escolar além de ser um local, onde as informações sobre drogas circulem livremente entre os alunos, professores, familiares, de modo claro para todos, também precisam promover um maior envolvimento com profissionais da área de saúde, como as equipes do Centro de Atenção Psicossocial – CAPS e o Programa de Atendimento ao Alcoolista e outros dependentes químicos – PAIAD, sendo também importante preparar o corpo docente, para prevenir e orientar quanto ao acompanhamento de alunos usuários de drogas.

Estudos feitos por órgãos internacionais, como o CSAP-USA, mostram que a “escola é o local mais apropriado para a realização de programas de prevenção, por ser mais eficaz” (MEDEIROS, 2006, p.71). Demonstrou-se que os programas de prevenção devem incluir os professores, pois esses quando orientados atuam de modo a fomentar comportamento positivo nos alunos, trazendo benefícios acadêmicos e melhorias para a comunidade onde se localiza a escola. Destaca-se também, que os programas de prevenção trazem benefícios para as pessoas, famílias, sociedade, bem como para o Estado, já que promove uma redução de gastos, pois “para cada dólar investido em prevenção pode-se observar uma economia de até 10 dólares no tratamento contra o consumo de álcool ou de outras drogas” (MEDEIROS, 2006, p.70).

DESCRIÇÃO METODOLÓGICA

O projeto Intervindo na Relação Escola e Drogas foi realizado na Escola Municipal de Ensino Fundamental João Monteiro da Franca, no bairro Vieira Diniz em João Pessoa - PB. Estivemos presentes de Setembro de 2007 à Março de 2008. Trabalhamos com as turmas de 5º, 8º e 9º anos e turmas de Educação de Jovens e Adultos – EJA, pois, queríamos contemplar três níveis distintos do processo de ensino, como também, por considerar relevante a passagem do fundamental I para o II e desse para o ensino médio.

Utilizamos as práticas da pesquisa participante, que se estrutura a partir de estudos de cunho antropológico, onde se encaixa a escola, para que promovêssemos, através de informações levadas a essa comunidade escolar, ações que buscaram desencadear mudanças com relação à compreensão sobre o uso das drogas.

Realizamos reuniões com professores, técnicos e a direção da instituição escolar, para que pudéssemos trocar idéias e organizar a intervenção do projeto na instituição. Organizamos uma reunião com os pais dos educandos, onde tivemos a oportunidade de socializar os objetivos e a finalidade do trabalho, bem como, interagir com os mesmos, buscando apreender suas expectativas, anseios, oportunizando suas participações e contribuições.

Atuamos em salas de aula junto com os alunos e alguns professores, trabalhando filmes, músicas e textos que tratavam da temática das drogas, suas causas e prevenção. Organizamos debates e mini-seminários apresentados pelos próprios alunos, a partir de pesquisas que os instigamos a realizarem, como a questão das drogas lícitas e ilícitas, por exemplo. No mais, confeccionamos com as turmas cartazes enfocando os males (físicos e sociais), sempre com o foco na prevenção das drogas, tendo em vista a proposta de fazer uma exposição.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A comunidade onde esta situada a E.M.E.F. João Monteiro da Franca, apresenta problemas relacionados às questões das drogas. O assunto está presente nas conversas dos professores, demais profissionais da escola, pais e alunos. A naturalidade com que escutavam e falavam sobre essa realidade que permeia suas vidas, fica claro na fala de um aluno: “escute professora, bem aqui atrás da escola tem uma boca de fumo”. Ao evidenciar isso, se ressalta a importância de ter se realizado o trabalho nessa instituição de ensino.

Em contato com os professores, notamos que os mesmos não se sentem preparados para trabalhar essa temática, mesmo quando percebem que seus alunos ou seus próprios filhos, estão envolvidos com as drogas, como falou uma professora: “sinceramente eu tenho certo receio, um medo de falar sobre isso”. Essa fala nos leva a perceber a necessidade que tanto os professores quanto os alunos de licenciatura, sentem em conhecer e se preparar para lidar com essa questão que está presente no ambiente escolar.

Percebemos a diferença da receptividade ao projeto, quando comparamos o fundamental I e II. Notamos que os alunos do 5º ano se envolveram mais, deram respostas significativas aos estímulos que fazíamos, preocupavam-se em realizar as atividades e entregá-las, enquanto que os alunos do 8º e 9º anos queriam transparecer um conhecimento apurado sobre o assunto, mais em sua maioria se negavam a dar contribuições. Pensamos que esses comportamentos diferenciados podem estar relacionados à presença do professor titular na turma, pois, enquanto as professoras do 5º ano permaneciam na sala de aula, colaborando conosco, os professores do fundamental II, deixavam-nos sozinhas e não se envolviam com o projeto. Um outro aspecto que levantamos para entender a conduta dos alunos foi a hipótese de ser esta a etapa da vida de transição da infância à adolescência.

As atitudes dos alunos no ensino fundamental II refletem a forma como os adolescentes vivem suas questões pessoais e a mudança em seu ciclo de vida. Nessa fase, por exemplo, percebe-se a falta de interesse em dar satisfações dos atos aos familiares, diferente de quando crianças, ao mesmo tempo em que não exercitam as responsabilidades de adultos. É um período de sexualidade aflorada, de crítica à sociedade, de auto-afirmação, onde o relacionamento extra familiar é muito importante. Existe uma maior preocupação com a beleza física, um espírito de rebeldia presente, tanto nas conversas, como na atitude de viver o

momento, não dando muita abertura para pensar sobre as questões sociais e os problemas enfrentados por algumas pessoas. Essas condutas levam os jovens ao envolvimento com substâncias psicoativas, o que os aprisiona em uma rede de problemas, sociais, psíquicos e políticos. Alguns jovens da Escola João Monteiro da Franca não fogem a essa realidade, nesse sentido, levamos as turmas a refletirem sobre a rebeldia da juventude, a presença das drogas na vida das pessoas, o vício, a ação repressiva da polícia para as drogas ilícitas, a loucura e o tratamento.

Em relação aos trabalhos desenvolvidos pelos alunos do ensino fundamental, percebemos a presença forte das mensagens da mídia, reproduzidas em seus discursos, quando dizem: “não às drogas”, “não fume”, “o cigarro mata”. Porém, o que tentamos fazer ao perceber isso, foi refletir com eles o porquê do dizer não, chegando a diálogos mais ricos e conscientes.

Quanto aos alunos da EJA, constatamos uma desatenção, um cansaço e desmotivação, talvez isso se deva à rotina e às atividades desenvolvidas por eles que são em sua maioria trabalhadores. Todavia, notamos que esses alunos buscam permanecer na escola apenas se a aula for à do método tradicional, como se o fato de trabalhar um projeto e realizar debates não fosse enriquecedor. Foi-nos relatado que no período noturno é onde o problema das drogas esta mais evidenciado, por isso, há necessidade de reforçar o trabalho de prevenção e também de encaminhamento a tratamentos.

CONCLUSÃO

As drogas estão inseridas no ambiente escolar de forma nítida, assim como em toda sociedade. Há necessidade de preparação dos professores e profissionais das escolas para lidar com essa situação, contudo, a questão continua sendo abordada como não fazendo parte dos objetivos programáticos da escola, pois, a questão se reduz as atividades em salas de aula, desarticuladas do projeto pedagógico, bem como, da vida da comunidade do Vieira Diniz, bairro em que a escola se localiza.

A grandiosidade da escola, pois tem matriculados 1426 alunos, funcionando os três turnos, com 50 professores, cria um clima de poucos vínculos. Assim o nosso trabalho sobre as drogas se tornou mais um evento, com pouco sentido e poucos resultados educativos, tanto para alunos, como para professores. Outro fato que certamente interferiu no nosso trabalho, foram as preparações para a realização da prova Brasil (avaliação externa do MEC), que preocupam muito as escola públicas, pois seus resultados são expostos nacionalmente e tem sido utilizado como índice de produtividade, que influencia na relação com posterior financiamento.

As turmas do 5º ano, no entanto, puderam de modo mais sistemático refletir sobre a realidade das drogas, estando suas mestras mais envolvidas com os alunos. Percebemos isso através do interesse dos alunos, que sempre nos recebiam de maneira calorosa e

demonstravam interesse em debater sobre a temática. Também pudemos perceber certo interesse por partes das professoras dessas turmas, que procuravam nos ajudar e também se informarem sobre essa realidade.

Identificamos que as turmas de 5º ano se mostraram bem mais produtivas que as outras (8º e 9º) e elencamos como fatores que contribuíram para um melhor trabalho nessas turmas, a presença do professor titular, o que mostra um vínculo de compromisso, um sentimento de cuidado e afeto com a turma, como também, esses alunos não terem ainda vivido a ruptura da infância para a adolescência, fato este que constatamos ser um grande contribuinte para o desinteresse dos alunos da segunda fase do fundamental.

Nas turmas da EJA, observamos uma percepção mais social sobre as drogas, pois, segundo as falas dos alunos nos debates, a questão do uso abusivo de substâncias psicoativas estava associado à análises da falta de perspectivas das pessoas das camadas populares, que se envolvem em busca de ganhos financeiros fáceis. Essa percepção denota uma compreensão do papel da realidade social sobre os indivíduos, e a fragilidade das pessoas diante dos muitos problemas que enfrentam.

Através deste projeto, podemos constatar o quanto à escola precisa enfrentar o problema das drogas, assumindo de modo ativo a questão, principalmente, no fundamental II, pois, sua prática educativa fragmentada e teórica, se distancia das questões reais dos alunos, que enfrentam nesse momento um alto risco de envolvimento com substâncias que poderão trazer o vício, prisão, morte e sofrimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARROYO, Miguel. Educação e Exclusão da Cidadania. IN: BUFFA, Ester (org.). **Educação e Cidadania – Quem educa o cidadão?** São Paulo: Cortez e Autores Associados, 1987.

BASSOLS, Ana Maria (org.). **SAÚDE MENTAL NA ESCOLA – uma abordagem multidisciplinar.** Porto Alegre: Meditação, 2003.

BRASIL – Lei nº. 9.394, de 20/12/1996. **Estabelece as Diretrizes e Bases da Educação Nacional.** Diário Oficial da União. Brasília: Gráfica do senado, 1995.

BUFFA, Ester (org.) **Educação e Cidadania – quem educa o cidadão?** São Paulo: Autores Associados, 1986.

CAMPOS, Gastão Wagner de Souza. **A saúde pública e a defesa da vida.** São Paulo: Hucitec, 1994.

CAPISTRANO, David. **Da saúde e da cidade.** São Paulo: Hucitec, 1995.

DURKHEIM, Emile. **Educação e Sociologia.** São Paulo: Melhoramentos, 1984.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir.** Petrópolis: Vozes, 1977.

FOUCAULT, Michel. **A História da Loucura.** São Paulo: Perspectiva, 1984.

FOUCAULT, Michel. **Doença Mental e Psicologia.** Rio de Janeiro: Tempo Universitário, 1994.

FRIGOTTO, Gaudêncio. **A Produtividade da Escola Improdutiva**. São Paulo: Cortez, 1984.

GOFFMAN, Erving. **Manicômios, prisões e conventos**. São Paulo: Perspectiva, 1992.

HIGGEN, Marta. **Polícia e Política**. Petrópolis: Vozes, 2000.

MEDEIROS, Cristalvalter. **Drogas na Adolescência: um olhar educativo**. João Pessoa: CEFET-PB, 2006.

MELMAN, Jonas. **Família e Doença Mental – repensando a relação entre profissionais de saúde e familiares**. São Paulo: Escrituras, 2001.

MORAIS, Maria de Lima Salum; SOUZA, Beatriz de Paula (orgs.). **Saúde e Educação – Novos rumos no atendimento a queixa escolar**. São Paulo: Casa de Psicólogo, 2000.

PILTCHER, Afonso. Drogas, tratamento e escola. IN: BASSOLS, Ana Maria (org.). **SAÚDE MENTAL NA ESCOLA – uma abordagem multidisciplinar**. Porto Alegre: Meditação, 2003.

SOIBELMAN, Mauro. Problemas relacionados ao álcool, tabaco e outras substancias psicoativas (SPA). IN: BASSOLS, Ana Maria (org.). **SAÚDE MENTAL NA ESCOLA – uma abordagem multidisciplinar**. Porto Alegre: Meditação, 2003.